

O CATECUMENATO E A PALAVRA DE DEUS*

*Ariél Philippi Machado***

Resumo

A experiência de fé é fruto da convivência humana, escuta atenta e abertura pessoal ao transcendente. A convivência humana se dá ao longo da história, no desenvolvimento das diferentes culturas e na relação de homens e mulheres envolvidos na ânsia de defender suas vidas diante dos perigos naturais que tornam mais próxima a realidade da morte. Pela escuta atenta, os seres humanos possuem a capacidade de reconhecerem-se mutuamente como membros de uma comunidade onde o mínimo para sua sobrevivência está pautado na escolha entre a fraternidade e o egoísmo, entre a liberdade e o domínio opressor. A fé, experiência pessoal e comunitária, é a disposição interna de acreditar em novas possibilidades de vida e superação ante o mal que aflige. Esta experiência é passível de transmissão e, além disso, de ser educada, por meio de um método, o Catecumenato, a partir dos relatos da Palavra de Deus.

Palavras-chave: *Evangelho. Fé. Palavra de Deus. Catequese.*

Abstract

The experience of faith is the fruit of human coexistence, attentive listening and personal opening to the transcendent. Human coexistence occurs throughout history, in the development of diverse cultures and in the relationship of men and women involved in the desire to defend their lives in face of the natural dangers that make them closer to the reality of death. By

* Texto apresentado e comentado no Núcleo de Estudos e Pesquisa em Catequética, da Faculdade Católica de Santa Catarina, coordenado pela Profa. Ir. Marlene Bertoldi, *ii.c.* Elaborado originalmente pelos alunos de graduação e pós-graduação: Adailton Lehmkühl, Pe. Adilson Machado, Éverton Bennert, Ir. Florinda Nunes Preste, Ir. Teresa Nascimento.

** Especialista em Catequese – Iniciação à Vida Cristã (2018) pela FACASC. Especialista em Direito Administrativo (2017) pela Ucam-Prominas. Graduado em Teologia (Bacharelado) pela Faculdade Católica de Santa Catarina (2016), em Filosofia (Bacharelado) pela Faculdade São Luiz (2012) e em Matemática (Licenciatura) pela Universidade do Sul de Santa Catarina (2008). Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Teologia Pastoral e Catequética. Coordenador do curso de Especialização em Catequese – Iniciação à Vida Cristã e do curso de Especialização em Mediação e acompanhamento pastoral de famílias.

attentive listening, human beings have the capacity to recognize each other as members of a community where the minimum for survival based on the choice between fraternity and selfishness, freedom and oppressive domination. Faith, personal and community experience is the deep disposition to believe in new possibilities of life and overcoming the evil that afflicts. This experience is amenable to transmission and more to be educated, through a method, the Catechumenate, from the accounts of the Word of God.

Keywords: *Gospel. Faith. Word of God. Catechism.*

1. Introdução

O que permanece é o Evangelho. Por causa de uma pessoa, o Verbo encarnado, as primeiras comunidades cristãs deram início ao movimento cristão de promover a caridade e a fraternidade entre as pessoas, desde os habitantes de Jerusalém até o fim do mundo (cf. Lc 24,47; At 1,8). A mensagem inspiradora deste movimento era uma apenas: o Evangelho da vida, que dá dignidade e restaura a liberdade das mulheres e dos homens, filhas e filhos de Deus.

Estamos distantes daquela comunidade eclesial porque a história nos conduziu na evolução construindo cidades muradas, descobrindo e traçando rotas terrestres e marítimas, desenvolvendo novas técnicas e empilhando enciclopédias, chegando ao fenômeno das redes virtuais, com a desculpa de que isso tudo serviria para aproximar os povos por meio do fenômeno da globalização.

E neste ínterim, o Evangelho permaneceu visitado com timidez ou mera curiosidade. E por vezes sendo postergado em função da tentação das forças monetárias, do poder egoísta ou da volição momentânea.

Contudo, foi por meio da força que emana do próprio Evangelho que, homens e mulheres de diferentes povos e culturas, chegaram a conhecer a dignidade da vida humana. E, além disso, contemplar o amor do Criador presente na diversidade de formas e cores do universo.

A renovação suscitada pelo movimento catequético, que tem por eixo a Iniciação à Vida Cristã de inspiração catecumenal, precisa redescobrir a riqueza de se pautar nas fontes da fé: *o amor de Deus revelado em plenitude na vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo*, conteúdo que foi vivido, experimentado, narrado e, em seguida, registrado nas Escrituras.

Na Igreja Católica do Brasil, com a promulgação do Diretório Nacional de Catequese (DNC), compreende-se que “a catequese é considerada anúncio da Palavra de Deus, a serviço da qual se coloca. O verdadeiro catequista tem a convicção (mística) de que é profeta hoje, comunicando a Palavra de Deus com seu dinamismo e eficácia, na força do Espírito Santo” (DNC 13e). Além disso, o Diretório empenha-se em ensinar e promover a Palavra de Deus como a fonte da catequese e da evangelização (DNC 25).

Nesse sentido, para o serviço do anúncio do Evangelho e da mensagem salvífica de Deus, “a Igreja transmite e esclarece os fatos e palavras da Revelação e, à sua luz, interpreta os sinais dos tempos e a nossa vida nos quais se realiza o desígnio salvífico de Deus” (DNC 25). Ao que podemos inferir, a centralidade das narrativas bíblicas como alicerce e conteúdo primeiro para a transmissão da fé nas comunidades.

Entender e promover a centralidade da Palavra de Deus, por meio da *Leitura Orante da Palavra*, traz mudanças significativas para o processo de educação da fé. Com o texto bíblico e o método orante de entendimento dos testemunhos de fé, a catequese educa e conduz os interlocutores à intimidade da mensagem de vida, libertação e salvação integral de toda pessoa humana.

O Concílio Vaticano II pediu a revisão da catequese por meio da restauração do catecumenato de adultos, enfatizando em seus documentos que a base desta restauração seja o conteúdo de fé revelado nas Escrituras.

Deus dispôs amorosamente que permanecesse íntegro e fosse transmitido a todas as gerações tudo quanto tinha revelado para a salvação de todos os povos. Por isso, Cristo Senhor, em quem se consuma toda a Revelação do Deus Altíssimo, mandou aos apóstolos que o Evangelho, objeto da promessa outrora feita pelos profetas que ele veio cumprir, e que promulgou pessoalmente, eles o pregassem a todos, como fonte de toda a verdade salutar e de toda a regra moral, e assim lhes comunicassem os dons divinos (DV 7)¹.

A centralidade da Palavra de Deus exige renúncias de modelos pastorais que impunham até pouco tempo rótulos e certezas colocadas pelos homens. Diante da novidade do Evangelho, homens de antes e de agora precisam captar os sinais da ressurreição e identificar como Deus se comunica na vida do povo de nossos dias.

2. Da caminhada na liberdade da fé às Escrituras

A escolha de Deus por um povo, o povo de Israel, traz consigo uma série de elementos fundamentais para a origem de nossa caminhada de fé. Quando Deus chama Abraão e lhe diz: “Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que te mostrarei” (Gn 12,1), está pedindo que Abraão deixe tudo e coloque sua fé nele. E tal como ele pede, Abraão faz, depositando nele sua fé, a qual, uma vez provada ante o sacrifício de Isaac, torna-se o alicerce da fé de Israel e de nossa fé. No sacrifício de Isaac, Abraão passa a ser nosso pai na fé.

Na liberdade da fé, o povo de Israel fará sua peregrinação, na dimensão terrena, em direção à terra prometida; na dimensão escatológica, em direção ao

1. CONCÍLIO VATICANO II. Constituição dogmática *Dei Verbum*. Petrópolis: Vozes: 1969.

próprio Deus. Esta peregrinação terá seus pontos altos, quando o povo entende o valor da partilha e da fraternidade de seus dons e capacidades, e também os pontos baixos, quando o egoísmo e o imediatismo ferem a fraternidade e dão origem à desunião, à mentira e ao pecado.

A Tradição Bíblica mostra-nos que aqueles que se seguiram após Abraão também foram provados em sua fé. Precisaram “mostrar” para Deus se estavam dispostos a sofrer, a lutar, a defender, a guerrear em nome dele, sempre em favor da liberdade do povo eleito.

Assim o povo de Israel se firmou na fé do Deus Único e fortaleceu-se como povo, como nação, aprimorando o seu modo de escutar a Deus e perceber que também é ouvido por Ele. É, pois, diante dessa percepção que entoava seus louvores, bendizendo e agradecendo ao Deus da vida: “Ó meu Deus, quero exaltar-vos, ó meu Rei, e bendizer o vosso nome pelos séculos. Todos os dias haverei de bendizer-vos, hei de louvar o vosso nome para sempre” (Sl 145).

A escuta de Deus ao clamor de seu povo suscitou a grande libertação do povo da escravidão do Egito. No Livro do Êxodo lemos: “Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi seu grito por causa dos seus opressores; pois eu conheço as suas angústias” (Ex 3,7). Trata-se de um Deus que se preocupa com seu povo, que não fica indiferente ao seu clamor, por isso desce, “a fim de libertá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir dessa terra para uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel” (Ex 3,8ab). A partir dessa promessa, feita a Moisés, de libertação dos israelitas, Deus vem conduzindo seu povo nos caminhos da história.

A história da Salvação que lemos nas Sagradas Escrituras é a história desse povo que, eleito por Deus, seguiu seus preceitos, seus mandamentos, suas condutas; às vezes errando, desanimando, querendo, inclusive, abandonar Deus que os fez sair da escravidão do Egito. “Só Deus salva (cf. Is 43,11s). Promete mostrar às nações sua santidade libertando o seu povo de seus males, e principalmente de sua dureza de coração” (cf. Ez 36,22-29)².

A economia da Salvação, portanto, tem um caráter histórico, uma vez que se realiza no tempo: “iniciou no passado, desenvolveu-se e alcançou o seu ponto mais elevado em Cristo, estende o seu poder no presente e espera por sua consumação” (DGC 44). Na Escritura, passado, presente e futuro se conjugam em torno da figura de Cristo, expressão mais perfeita do Deus que se inclina para elevar os homens à sua presença.

“Deus, que quis revelar-se a todos [...], em sua misericórdia quis levar a termo a esperança de toda a humanidade escolhendo para si um povo, para

2. AHUMADA, Enrique García. II. Salvação, redenção e libertação na Bíblia. In: PEDROSA, V. Maria et al. (Dir.). *Dicionário de Catequética*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 1.010.

revelar-se pessoalmente e acompanhá-lo em sua história. Assim, o Deus de Abraão, Isaac e Jacó fez-se Salvador para todos os povos na plenitude dos tempos. Tal Revelação tem sua plenitude na pessoa de Jesus Cristo, em suas obras e palavras, em sua vida, toda ela salvífica, e, principalmente, em seu mistério pascal” (DNC 20).

3. O rosto da Palavra: Jesus Cristo

O Evangelho de João inicia apontando para o grande mistério da Encarnação através do qual Deus tornou-se acessível aos homens e mulheres: “O Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14). Neste grande evento, a Palavra eterna e divina entrou no espaço e no tempo, assumindo, de tal modo, um rosto e uma identidade humana. Cristo Jesus “esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens” (Fl 2,7), a fim de torná-los semelhantes a Deus. Esta é a expressão da fraternidade divina para com a humanidade, mostrando o caminho possível para a efetiva liberdade pela qual anseia o coração humano.

Feito homem, Jesus não realizou nenhuma obra que pudesse distinguir-se daquilo que Ele é em sua essência. Ele encerrou-se a si próprio em sua Palavra, ou seja, identificou-se com a sua Palavra, de tal modo que, nele, ser e Palavra não possuem distinção: Ele é Palavra³. Não há diferença entre aquilo que Jesus proclama e anuncia e aquilo que Ele é. “A pessoa de Jesus é a sua doutrina, e a sua doutrina é Ele próprio”⁴.

Na Sagrada Escritura, portanto, não há a revelação de um emaranhado de palavras, mas da Palavra (precedente à Sagrada Escritura), que consiste numa pessoa, num rosto: Jesus Cristo, Verbo Encarnado de Deus. Ele é a Revelação do Deus invisível, diante do qual compete-nos dar a resposta da fé, compreendida como “[...] adesão livre e obediente à Boa-Nova da graça de Deus, com pleno assentimento da vontade e da inteligência” (DNC 28). Nestes termos, portanto, a fé não consiste na adesão intelectual a um sistema de verdades abstratas, mas na adesão incondicional à pessoa de Cristo; “[...] aceitação dessa pessoa que é a sua Palavra; a Palavra como pessoa e a pessoa como Palavra”⁵.

Sendo a catequese responsável pelo processo de maturidade na fé, ela é “comunicação pessoal e iniciação a um encontro pessoal. Dado que a palavra de Deus, antes de mais nada, é Alguém, a catequese, serviço da palavra, deve

3. Cf. RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo*. 8. ed. Tradução de Alfred J. Keller. São Paulo: Loyola, 2015, p. 153.

4. RATZINGER, 2015, p. 154.

5. RATZINGER, 2015, p. 154.

levar principalmente ao encontro com Cristo, antes de transmitir um sistema de verdade ou um conjunto de acontecimentos”⁶. É justamente o que diz *Catechesi Tradendae*⁷, afirmando que: “Na catequese, é Cristo, Verbo Encarnado e Filho de Deus, que é ensinado – todo o resto está em relação a Ele” (CT 6). Neste sentido, a mensagem transmitida através da catequese tem um caráter profundamente cristocêntrico (DGC, 98).

Dessa forma, conclui-se que a catequese deve conduzir o catequizando a uma experiência com Jesus Cristo através de sua Palavra. Um processo catequético que põe a Palavra em segundo plano contraria a sua essência. A Palavra deve ser, simultaneamente, fonte e cume de todo o itinerário catequético. Pela Palavra, catequizandos e familiares aproximam-se e estabelecem relação de fraternidade com o Deus da vida, por meio de Jesus Cristo na força de seu Espírito.

4. A centralidade da Palavra de Deus na catequese

4.1 A Palavra de Deus, fonte da catequese

As Sagradas Escrituras contêm a Palavra de Deus e, pelo fato de serem inspiradas, são verdadeiramente Palavra de Deus (DV 24). O Diretório Geral de Catequese fala que “a fonte na qual a catequese haure sua mensagem é a Palavra de Deus” (DGC 94), reafirmando o que diz *Catechesi Tradendae*: “A catequese há de haurir sempre o conteúdo na fonte viva da Palavra de Deus, transmitida na Tradição e na Escritura, porque a Sagrada Tradição e a Escritura constituem um só depósito inviolável da Palavra de Deus confiada à Igreja” (CT 27). A Palavra ilumina nossa existência e permanece como um meio pelo qual Deus continua se revelando a nós hoje.

“A fonte viva da Palavra de Deus e as fontes que dela derivam fornecem à catequese critérios para transmitir a sua mensagem a todos aqueles que amadurecem a decisão de seguir a Jesus Cristo” (DGC 96). No centro da Sagrada Escritura estão os evangelhos, que exprimem a base dos ensinamentos das primeiras comunidades cristãs e se constituem no primeiro livro de catequese, desde as origens da Igreja (cf. DGC 98). Nessa perspectiva, a Bíblia, como primeira fonte da catequese, deve inspirar todo o processo catequético, isto é, processo pelo qual o eco das primeiras comunidades de fé, do Antigo e Novo Testamentos, chega até nós, em nossos dias e culturas, para apontar os caminhos pelos quais Deus quer encontrar-nos. Portanto, fica evidente que “a Palavra de Deus, abundantemente revelada, é o principal conteúdo da catequese” (2 SBC 21). A catequese tem a

6. ALBERICH, Emílio. *Catequese evangelizadora: manual de catequética fundamental*. São Paulo: Editora Salesiana, 2004, p. 109-110.

7. *Catechesi Tradendae* (CT): Exortação Apostólica pós-sinodal, do Papa João Paulo II (16/10/1979), “sobre a catequese do nosso tempo”.

tarefa de proporcionar aos catequizandos o sentido claro e profundo de tudo o que Deus quis falar no passado e quer nos transmitir hoje, através da Sagrada Escritura (cf. DNC 26).

4.2 O catequista: anuncia e vivencia a Palavra para favorecer sua compreensão

Como coração e fonte da catequese, a Bíblia necessita de pessoas que entendam e orientem os catequizandos para a compreensão e vivência da Palavra. Assim, Filipe, indo ao encontro do eunuco no caminho, realiza o primeiro passo da iniciação cristã, entrando em cheio na Escritura, pela porta da profecia de Isaías (Is 53,8). E começa perguntando ao catequizando: “Tu compreendes o que estás lendo?” – a o que o eunuco responde: “Como posso entender, se ninguém me explica?” (At 8,30-31). Desse modo, provoca um diálogo do leitor com a Palavra, que se constitui num germe do anúncio do querigma.

O desejo de conhecer e entender a Palavra leva o catequizando a deixar-se tocar e converter por ela. De fato, a Palavra de Deus, lida, meditada, contemplada e celebrada, provoca um efeito transformador naqueles que nela acreditam e a acolhem. Assim, a Bíblia é conteúdo e catequista, modelo para as pessoas vocacionadas para a missão de catequistas nas comunidades.

A exemplo de Filipe, o catequista tem a missão de semear a Palavra de Deus, ajudar a cultivar a terra do coração dos catequizandos, para que ela venha a germinar, brotar e produzir frutos para o Reino de Deus. Ele “experimenta a Palavra de Deus em sua boca, na medida em que, servindo-se da Sagrada Escritura e dos ensinamentos da Igreja, vivendo e testemunhando sua fé na comunidade e no mundo, transmite para os irmãos esta experiência de Deus” (DNC 27). Como verdadeiro ministro da Palavra, o catequista faz ecoar a Palavra de Deus, com fidelidade e integralidade, tornando-a compreensível aos catequizandos (DNC 27). A Bíblia é fonte da catequese, em vista da educação de uma fé esclarecida, engajada, no intuito de alcançar dois objetivos: formar a comunidade de fé para a vida em fraternidade e alimentar a identidade cristã, para que saibamos confessar “a razão da nossa esperança” (1Pd 3,15) (DNC 108).

4.3 A Leitura Orante: um método que favorece a aproximação, assimilação e vivência da Palavra

Segundo o Documento de Puebla, a catequese ilumina com a Palavra de Deus situações e acontecimentos do cotidiano para fazer descobrir aí a presença de Deus (DP 997). Lemos a Bíblia para encontrarmos o Deus da Bíblia que é o Deus da vida, o Deus de Jesus Cristo, que veio a este mundo “para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). A leitura da Bíblia na catequese deve levar em conta a sua mensagem central que é o projeto de salvação e

libertação. Lida pessoalmente e em grupo, em comunidade, leva à solidariedade, à comunhão fraterna e ao compromisso com Deus e com os irmãos (2 SBC 7). Interpretada na perspectiva do Reino, leva a uma conscientização e a uma ação transformadora da sociedade, segundo o projeto de Deus (2 SBC 8). Na catequese, a Palavra se faz alimento e luz no itinerário de fé, e provoca o encontro com Jesus Cristo pelos caminhos da vida (Lc 24,13-35).

O Documento Interpretação da Bíblia na Igreja apresenta como uma das formas mais valiosas de leitura bíblica a *Lectio Divina* ou Leitura Orante, individual ou comunitária. A Leitura Orante tem como finalidade a escuta de Deus, que fala hoje, para perceber na realidade pessoal, comunitária ou social, os sinais da presença ou ausência do seu plano salvífico. Favorece o encontro pessoal com Jesus Cristo, o Verbo de Deus que se faz carne e vem habitar no meio de nós (Jo 1,14).

Através da Leitura Orante, podemos atingir o que diz a Bíblia: “A Palavra está perto de ti, na tua boca, no teu coração e tu podes colocá-la em prática” (Dt 30,14). O objetivo da Leitura Orante é “comunicar a sabedoria que leva à salvação, pela fé em Jesus Cristo” (2Tm 3,15); serve para instruir, refutar, corrigir, formar na justiça (2Tm 3,16-17).

A *Lectio Divina* é um método que aproxima o catequizando da Palavra e ajuda a familiarizar-se com ela. Mas supõe alguns princípios fundamentais da leitura cristã da Bíblia: perceber a unidade da Bíblia, que tem como função revelar o projeto de Deus; a atualidade ou encarnação da Palavra na realidade do passado e do presente da vida; a fé em Jesus Cristo, o ressuscitado, vivo e presente no meio da comunidade. Neste sentido, a leitura feita em comunidade, onde atua o Espírito de Jesus, faz com que a Palavra se torne fonte permanente de Boa-Nova (CEBI, *Leitura Orante da Bíblia*, p. 19).

O método da Leitura Orante nos possibilita aproximar-nos da Palavra e adentrar na mensagem escondida atrás da sua roupagem. A Leitura Orante teve um princípio muito simples: ler e escutar, reler e repetir, até gravar o que está escrito no texto; repetir de memória o que foi gravado, até que passe pelo coração e entre no ritmo da própria vida; responder a Deus na oração e suplicar que nos ajude a viver a Palavra. O resultado é uma nova luz que nos faz ver e agir de nova forma.

A leitura é o primeiro passo para se conhecer e amar a Palavra de Deus e familiarizar-se com ela; é o primeiro processo de apropriação da Palavra. É apenas o ponto de partida e nos faz pisar no chão, colocando-nos a caminho da meditação. A meditação: ruminar, dialogar, atualizar a Palavra. Pela meditação chegamos à verdade de fé oculta no texto, para aplicá-la à nossa vida hoje. Até aqui é Deus que fala para nós, quando procuramos “ouvir o que Deus tem a nos dizer” através da Palavra lida, escutada, ruminada, assimilada.

A oração é o momento de dialogar com Deus sobre aquilo que a Palavra provocou em nós. Dar nossa resposta à Palavra, numa atitude de confiança e

entrega, como acontece com tantos personagens bíblicos e santos, mártires de ontem e de hoje: Isaías, “Eis me aqui, envia-me” (Is 6,8); Maria, “Eis aqui a serva do Senhor...” (Lc 1,38). A contemplação culmina e sintetiza toda a caminhada da Leitura Orante. É o que nos leva a enxergar, saborear a Palavra e comprometer-nos com o Deus da Palavra. A contemplação nos dá um novo olhar sobre Deus, os irmãos e irmãs, os acontecimentos e toda a criação. Estes passos não são separados, mas se intercalam, se articulam e até mesmo se misturam entre si, num processo que não termina nunca.

5. Considerações finais

O que permanece é o conteúdo sempre atual da Ressurreição: este é o Evangelho (Boa Notícia). Conhecemos dos relatos bíblicos que, na manhã do primeiro dia da semana, Jesus apareceu primeiro às mulheres (Mt 28,9-10; Mc 16,9; Lc 24,4-11.23; Jo 20,13-16). Mulheres eram pessoas sem credibilidade. Por consequência, os homens daquele tempo não acreditaram no Evangelho que elas traziam. Jesus deixa um recado para o encontrarem na cidade onde tudo começou. E de lá, começa tudo de novo, mais uma vez. Mas agora, ressuscitado!

Daqui brotam as primeiras pistas para a Catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã de inspiração catecumenal, que tem por centralidade a Bíblia:

a) É preciso vencer os preconceitos: a vida é dom de Deus, é obra gratuita de Alguém que quer comunicar-se por puro amor, e precisa ser reconhecida em sua dignidade plena, no rosto de todo homem e toda mulher;

b) é hora de dar testemunho: a ressurreição é um fato concreto, é a resposta do Pai ao sofrimento da morte, e precisa ser apresentada aos homens e mulheres de nossos dias como resposta aos seus sofrimentos, angústias e medos;

c) é bom nutrir-se da Palavra de Deus: a promessa de vida do Pai para seus filhos e filhas realiza-se ao longo da história concreta, e para tal a fé depende da paciência do ato de crer sem ter visto, acreditar sem medo no tempo de Deus, enquanto o mundo prioriza o instantâneo, o descartável e o descrédito (*fake news*).

E como exorta o Papa Francisco: “é bom que nos possam ver como mensageiros alegres de propostas altas, guardiões do bem e da beleza que resplandecem numa vida fiel ao Evangelho” (EG 168).

A fé na ressurreição exige renúncias.

Ariél Philippi Machado
Rua Dep. Antônio Edu Vieira 1524. FACASC
Pantanal, CP n. 5041
88040-001 Florianópolis, SC
ariel.phillippi@hotmail.com

Referências

- AHUMADA, Enrique García. II. Salvação, redenção e libertação na Bíblia. In: PEDROSA, V. Maria et al. (Dir.). *Dicionário de Catequética*. São Paulo: Paulus, 2004.
- ALBERICH, Emílio. *Catequese evangelizadora: manual de catequética fundamental*. São Paulo: Editora Salesiana, 2004.
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Conclusões da Conferência de Puebla (DP): a evangelização no presente e no futuro da América Latina*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 1982.
- CONCÍLIO VATICANO II. Constituição dogmática *Dei Verbum (DV)*. In: Compêndio do Vaticano II: *Constituições – Decretos – Declarações*. Coordenação de Frederico Vier. Introdução de Boaventura Kloppenburg. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1973, p. 121-139.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretório Nacional de Catequese (DNC)*. 10. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Segunda semana brasileira de catequese: catequese com adultos (2 SBC)*. São Paulo: Paulus, 2002.
- CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório Geral para a Catequese (DGC)*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- IGREJA CATÓLICA. Papa Francisco, 2013. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: a alegria do Evangelho*. São Paulo: Paulinas, 2014 (A Voz do Papa, 198).
- JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica pós-sinodal *Catechesi Tradendae (CT)* sobre a catequese no nosso tempo. Petrópolis: Vozes, 1980.
- RATZINGER, Joseph. *Introdução ao cristianismo*. 8. ed. Tradução de Alfred J. Keller. São Paulo: Loyola, 2015.